



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS

A TEORIA DA COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA : DA HERANÇA CULTURAL À CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PRÓPRIA

Rosa Maria Cardoso Dalla Costa^{xxxiii}

Daniele Siqueira

Rafael Costa Machado^{xxxiv}

Introdução

Esta pesquisa foi elaborada a partir de uma atividade proposta aos alunos da disciplina de Teoria da Comunicação do curso de graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná. No decorrer do ano de 1998, esses alunos fizeram um levantamento dos principais autores, suas obras e suas idéias, que contribuíram para a criação do referencial teórico da disciplina. De posse deste primeiro levantamento bibliográfico e da dificuldade para encontrar análises sobre as obras dos autores brasileiro, formou-se um grupo de pesquisa com o objetivo de aprofundar e sistematizar essas informações

Partindo do pressuposto de que os estudos de Teoria da Comunicação latino-americanos foram consolidados e ganharam autonomia e identidade própria a partir da influência de determinados autores estrangeiros e sua relação com os contextos históricos nos quais os autores do continente, em especial os brasileiros, foram desenvolvendo seus trabalhos, procurou-se identificar tais autores, relacionando-os com os estudos já produzidos sobre as fases e as características da pesquisa em comunicação no continente.

Tais estudos salientam o aspecto recente da pesquisa em comunicação, de um modo geral, mas sobretudo, na América Latina, onde começa a ser desenvolvida com maior intensidade a partir dos anos 1960. Portanto, considerou-se a relevância da sistematização dessa produção a partir do estudo das características da vida e obra de seus principais autores.

1- A Influência Teórica na América Latina: heranças e rebeldia

A vida acadêmica na América Latina tem como primeira e forte característica a herança cultural luso-espanhola, sua relação com a história dos seus países – sempre marcados pela instabilidade política e econômica, a pobreza e o desenvolvimento mal planejado – e a influência da tradição marxista européia. Assim, situadas a meio caminho entre o « subdesenvolvimento acelerado » e a « modernização compulsiva », segundo Martin-Barbero (1988), as sociedades latino-americanas têm produzido gerações de pesquisadores em comunicação preocupados com problemas sociais e comprometidos com soluções políticas, sem comprometer o rigor científico de seus trabalhos. Essa é uma das razões, como analisa Herscovitz (1995), pela qual a neutralidade científica defendida pelos acadêmicos norte-americanos não encontrou terreno favorável entre os pesquisadores latino-americanos. Citando o trabalho de Chaffee sobre as publicações nesta área, a autora afirma que enquanto os norte-americanos se preocupam com aspectos éticos e o papel da imprensa, os latino-americanos se dedicam com mais frequência à pesquisa sobre interesses de classe e propriedade dos meios de comunicação^{xxxv}, utilizando como referência teórica obras de autores como os frankfurtianos Adorno, Horkheimer e Benjamin e os marxistas Gramsci e Althusser.

Observamos na literatura disponível sobre o assunto que há um consenso entre os acadêmicos de que a história da pesquisa em comunicação no continente pode ser dividida em três períodos distintos. O primeiro deles vai de 1920 a 1959; o segundo, de 1960 até a metade dos anos 70; e o terceiro de 1977 até o final dos anos 80.

Alguns buscam raízes anteriores desses trabalhos como Vassalo de Lopes que relata que, desde o final do século XIX, existem evidências de estudos científicos sobre os fenômenos da comunicação no Brasil, embora a constituição de um campo específico de pesquisa, no interior das ciências humanas só possa ser registrada a partir da segunda metade do século XX.^{xxxvi}

A criação de cursos de graduação em comunicação social dá um impulso institucional à pesquisa nesta área e está diretamente relacionada ao seu desenvolvimento. A primeira escola de jornalismo do continente é criada em Buenos Aires, em 1934, e se inspira no modelo norte-americano. No ano seguinte, surge no Brasil a primeira escola de propaganda no Rio de Janeiro,

inspirada no modelo europeu e, em 1954, a publicação acadêmica norte-americana *Journalism Quarterly* apresenta uma coletânea de estudos sobre a comunicação latino-americana, incluindo a conferência do jornalista brasileiro Danton Jobim sobre as influências francesa e norte-americana na imprensa latina.

A América Latina vive a partir do final da Segunda Guerra Mundial um processo de urbanização acelerado, que leva para as cidades contingentes populacionais oriundos de uma área rural pobre, sem tecnologia e completamente marginalizada do sistema econômico mundial. A sociedade de consumo começa a tomar forma em centros urbanos como a Cidade do México, São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Santiago e Lima. As diferenças sociais se intensificam. De um lado, estavam a velha oligarquia rural e a crescente burguesia industrial nas cidades, e do outro lado ficavam os operários, os favelados, os camponeses e os sem terra. (Tufté, 1996)

Nos centros urbanos, essa população majoritariamente analfabeta e até então isolada dos principais fatos do mundo, passa a ter contato diário com os grandes meios de comunicação de massa: primeiro o rádio e, logo em seguida, a televisão. Esses dois fatores – o processo de industrialização e urbanização que acontece duzentos anos depois da Revolução Industrial e o acesso direto aos meios de comunicação eletrônicos, sem ter passado pelos meios de comunicação impressos – caracterizam o fenômeno da comunicação na América Latina e determinam uma das principais preocupações teóricas no novo panorama da pesquisa em comunicação no continente.

Seriados da TV norte-americana, filmes e séries televisivas apresentam à essa população um quadro idealizado do estilo de vida que os teóricos da modernização – e com eles vários dirigentes de governos latino-americanos – tinham como ideal: « the american way of life ». (Tufté, 1996)

Porém, se por um lado a indústria cultural vai se constituindo no continente e no Brasil com forte presença norte-americana, seja na importação de aparelhos para as emissoras ou de programas e filmes para comporem sua programação^{xxxvii}, a atividade científica busca parâmetros teóricos e metodológicos mais na Europa do que nos Estados Unidos. Intercâmbios de pesquisadores brasileiros com instituições estrangeiras e convênios para cursos de pós-graduação reforçaram a busca desses paradigmas estrangeiros^{xxxviii}.

A UNESCO foi uma das instituições que incrementou a pesquisa sobre os meios eletrônicos no continente^{xxxix}, estimulando o debate e a pesquisa de mídia dentro de uma *Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação* – Nomic^{xl}. Uma de suas iniciativas é a criação do CIESPAL (Centro de Investigação e Estudos Superiores para a América Latina), em 1959, no Equador, considerado por alguns acadêmicos como marco da história da pesquisa em comunicação na região.^{xli} Seu principal objetivo era o de remodelar o ensino universitário de comunicação, propondo um modelo e sugerindo os conteúdos. Por influência do Ciespal, onde especialistas europeus e norte-americanos treinaram jornalistas e professores latinos, disseminam-se dois modelos de pesquisa na América Latina: estudos de morfologia e conteúdo da imprensa e estudos sobre o comportamento do público consumidor dos meios de comunicação.^{xlii}

Herscovitz afirma que a fundação do Ciespal assinala o início do segundo período na história da pesquisa latino-americana, que vai de 1960 até o início dos anos 70. Além de estudos históricos e pesquisas de opinião pública e mercado baseadas em técnicas norte-americanas, a entidade estimulava pesquisas sobre difusão de inovações agrícolas entre camponeses, usando um modelo criado para o cotidiano do agricultor norte-americano. Marques de Melo aponta o equívoco desta pesquisa, segundo a qual, a comunicação por si só seria capaz de desencadear inovações, gerar desenvolvimento, independente das condições políticas e sócio-econômicas. Segundo ele, essa linha de pesquisa desfigurava o universo do camponês latino, produzindo « generalizações precipitadas, resultados inúteis e soluções simplistas ».^{xliii}

A postura funcionalista, acrítica e conformista deste tipo de pesquisa recebeu uma reação de várias fontes, quase todas localizadas no Chile. Gomes relata que, perplexa ante o impacto da indústria cultural no Continente, emerge a pesquisa-denúncia de inspiração frankfurtiana que detecta a expansão das empresas multinacionais e diagnostica o avanço da ideologia do consumo.^{xliv} Alguns desses estudos não ultrapassam a constatação de novos fenômenos. Outros identificam as ramificações imperialistas e apontam os perigos que corre a soberania dos nossos povos. Contudo, analisa Gomes, a influência desta reação é muito restrita, pois os modelos inspirados pelo Ciespal ainda predominavam na maioria das escolas de Comunicação.

As transformações políticas ocorridas neste período em alguns países, como no Chile e no Peru, exerceram grande influência nos pesquisadores da comunicação apontando para a possibilidade de a pesquisa deixar de ser uma atividade abstrata para se transformar em instrumento eficaz no processo de mudança social. Vivendo no Chile neste período, o pesquisador belga Armando Mattelart^{xlv}, criticou a utilização do modelo norte-americano de comunicação entre a população rural, fazendo uma interpretação estrutural-marxista sobre os meios. Exilado também no Chile, o educador brasileiro Paulo Freire contestou o modelo proposto pela difusão de inovações e anunciou novos princípios para o desenvolvimento da comunicação alternativa.

No final dos anos 60, um grupo de sociólogos brasileiros, entre os quais Fernando Henrique Cardoso e Celso Furtado, e chilenos, fez uma oposição ainda mais firme à essa teoria, através de seus trabalhos no Cepal (Comissão Econômica para América Latina). A histórica « Teoria da Dependência », segundo a qual os países industrializados formavam o centro de um modelo de exploração de países subdesenvolvidos localizados na periferia, criando um desequilíbrio permanente e uma relação de dependência de ambos os lados, foi aplicada por acadêmicos desenvolvimentistas como Diaz Bordenave e Beltrán no campo da comunicação.(Herscovitz, 1995)

Dessa forma a Teoria da Dependência foi, durante alguns anos, a sustentação da chamada escola crítica, também influenciada pelas linhas estruturalistas e de semiologia, cujo principal autor era Roland Barthes, trazidas da França pelo argentino Eliséo Verón, em 1970. No auge desta fase, o CIESPAL organiza, em 1973, na Costa Rica, o primeiro encontro dos pesquisadores latino-americanos dedicados à comunicação. Gomes relata que este encontro não só reconhece o caráter dependente da Teoria da Comunicação e da metodologia da pesquisa existentes na região; como propõe a busca de alternativas teóricas e metodológicas capazes de oferecer soluções para os problemas enfrentados por nossos países; e prioriza dois aspectos a serem pesquisados: o papel da comunicação na educação e o papel da comunicação na organização e mobilização populares. Dessa maneira, a recusa do arsenal científico do funcionalismo norte-americano provocou a adoção de novos modelos, igualmente importados, como a semiologia estrutural francesa.^{xlvi}

Essa tentativa de buscar alternativas metodológicas autóctones esbarrou nas limitações epistemológicas de muitos pesquisadores, conduzindo a formas de militância políticas confundidas com inovações científicas. Buscando teorias e métodos alternativos gerados «por latino-americanos e para os latino americanos», esses pesquisadores foram incorporando elementos da política, da economia e da cultura regionais, provocando duas conseqüências imediatas. De um lado, a expansão da escola crítica estimulada por marxistas europeus e semiólogos, com destaque para a obra do italiano Umberto Eco, resultando na importação de um novo modelo de pensamento, desta vez europeu. De outro, o engajamento de muitos pesquisadores em organizações partidárias, mesclando pesquisa científica com militância política.^{xlvi}

Segundo Herscovitz, o surgimento dessa nova linha de investigação na segunda fase da história da pesquisa em comunicação na América Latina coincidiu com a proliferação de escolas de comunicação e de grandes transformações sócio-políticas. Os desdobramentos dessa fase deixaram clara a divisão entre as escolas crítica e empírica. Com base em levantamento feito por Gomez-Palacio^{xlvi}, a autora relata que os principais temas da escola crítica incluem comunicação de massa e cultura (imperialismo cultural), formação de monopólios, comunicação alternativa, transnacionalização da cultura e cultura popular. Sua fundamentação teórica se baseia na investigação da estrutura e do conteúdo ideológico da mídia.

Para Tufte, a emergência científica das tradições dos estudos culturais latino-americanos ligou-se à teoria da participação popular, baseada na participação comunitária que se desenvolveu da metade dos anos 70 em diante. Diz o autor que « a linha de pensamento dentro da teoria do desenvolvimento participativo originou-se na metade da década de 70, mas pouco a pouco se espalhou até atingir a maior parte da teoria do desenvolvimento a partir do início dos anos 80. »(Tufte, 1996)

A partir da segunda metade dos anos 70, início da terceira fase da história da pesquisa latino-americana, o continente passa por mudanças estruturais profundas, uma forte crise econômica e uma turbulência social e política substancial. Neste momento, surgem novos espaços de reflexão e pesquisa, centrados em três linhas fundamentais: a comunicação transnacional, a comunicação popular e alternativa e as tramas ideológicas dos meios massivos.

Tufte aponta dois fatores que caracterizaram o desenvolvimento dos anos 80 na América Latina e repercutiram nos estudos de comunicação. O primeiro deles foi a crise da dívida externa que causou a falência de bancos no México (1982), a moratória no Brasil (1985) e a hiperinflação em vários países, principalmente na Argentina. O resultado dessa forte crise foi o aumento da marginalização social e econômica. O outro fator foi a democratização e a queda das ditaduras militares (Argentina 1983, Brasil 1985, Uruguai 1986, Paraguai 1989, Chile 1989 e Venezuela 1988). Os movimentos populares que tiveram participação decisiva neste processo vão influenciar também as pesquisas sobre o fenômeno da comunicação no continente, como será detalhado na seqüência deste capítulo.

No balanço de Marques de Melo^{xlix}, o saldo desta trajetória foi positivo, pois a pesquisa latino-americana em comunicação passou de um estágio de completa dependência teórica e metodológica para uma situação de consciência de tal subordinação externa. Com essa percepção, inicia-se um processo de autonomização investigativa a partir dos desafios de nossa realidade. Segundo ele, a tarefa dos pesquisadores da comunicação é contribuir para a construção de sistemas democráticos de comunicação que sejam reflexo e motores das sociedades democráticas que desejamos construir. Concluindo seu balanço, Melo cita Jesús Martin Barbero, no início da década de 80, que dizia:

« A época das grandes denúncias - sempre necessárias - parece dar passagem a um outro trabalho mais obscuro, porém não menos arriscado e difícil: a luta contra um neopositivismo ambiente que torna a opor, agora de modo mais ladino e sofisticado, o trabalho científico ao trabalho político ».

Baseado nestas análises, este trabalho apresenta na sua primeira parte, a vida e a obra dos autores utilizados como referências para os estudos de comunicação aqui realizados. Para fazer esse levantamento, adotou-se como critério a escolha dos autores cujas obras tinham uma ligação direta com os conceitos da Teoria da Comunicação. Assim, apresentamos a análise dos autores da denominada pesquisa norte-americana, Laswell e Lazarsfeld, para contrapor suas principais

idéias com as dos frankfurtianos Adorno e Horkheimer, cujas teorias influenciaram diretamente a pesquisa crítica que surge no continente na década de 70.

Como este estudo é muito complexo e ao sistematizá-lo corre-se o risco de negligenciar algumas contribuições fundamentais, procurou-se preencher algumas dessas lacunas, através de textos complementares, que narram, por exemplo, idéias que embora não sejam específicas da área da comunicação, influenciaram a pesquisa latino-americana, como os estudos culturalistas ou de autores de outras áreas de conhecimento como Roland Barthes, Levi Strauss e Pierre Bourdieu.

Concluindo esta sistematização, o trabalho apresenta dois dos autores cujas obras fundamentaram grande parte dessa segunda fase da pesquisa em comunicação na América Latina: Antônio Gramsci e Louis Althusser.

2- A identidade e autonomia da produção latina

A segunda parte deste trabalho foi elaborada através de uma ampla pesquisa bibliográfica sobre a produção científica dos autores latino-americanos. Por entender que essa seria a parte principal do trabalho, uma vez que se propõe a sistematizar uma produção recente, procurou-se através dela, organizar de uma forma clara e até mesmo didática, a análise da contribuição de cada autor para os estudos de Comunicação. Para isso, foram consultadas variadas fontes, como anais de congressos científicos, teses e dissertações de mestrado, revistas e publicações da área e até mesmo, os próprios autores, entrevistados através de e-mail ou telefone.

Tais autores e suas respectivas obras foram então apresentados a partir de uma ordem cronológica de suas obras, para que pudessem ser analisados e compreendidos dentro do contexto histórico no qual estavam inseridos e que, ao mesmo tempo, caracterizavam as diferentes fases dos estudos de comunicação no continente.

Assim, são apresentados autores latino-americanos como Eliséo Verón, Armand Mattelart, Luís Beltrão e José Marques de Melo, num primeiro momento, e autores como Nestor Garcia Canclini, Jesus Martin Barbeiro e Guilherme Orozco, numa fase mais recente, além de

textos complementares de Paulo Freire, Teixeira Coelho que embora não estejam diretamente ligados à pesquisa em comunicação, deram a ela importantes contribuições.¹

Em seguida, apresentamos autores cujas obras são caracterizadas pela ligação com a Teologia da Libertação, como por exemplo, Pedro Gilberto Gomes, Ismar de Oliveira Soares e José Manuel Morán Costas.

A partir da década de 80, esses estudos se multiplicam e se diversificam. Essa mudança nos rumos dos estudos em Comunicação no continente não acontece por acaso. Vários fatores determinaram novos rumos para essa pesquisa. Um dos principais foi a substituição das ditaduras militares por governos eleitos pelo voto na maioria dos países latino-americanos.^{li} Outros fatores, como o restabelecimento da liberdade de imprensa, o crescimento da indústria da comunicação dirigida por companhias privadas, a adoção de uma economia de mercado fortemente apoiada em vínculos internacionais, o uso de novas tecnologias nos meios de comunicação como as ligações por satélite e os computadores além do início da integração sócio-econômica entre os países da região, sinalizam um período de grandes mudanças nas sociedades latino-americanas (HERSCOVITZ, 1995).

Internacionalmente, tiveram influência nesta mudança, o novo contexto sócio-econômico e político definido a partir da queda do bloco comunista europeu e o final da Guerra Fria, o aparente triunfo do capitalismo norte-americano como ideologia dominante e a globalização da indústria cultural.

O processo de redemocratização de vários países latino-americanos favoreceu uma série de análises críticas por parte dos pesquisadores de comunicação, publicadas em forma de resenhas nas organizações Alaic e Felafacs (Federação Latino-Americana de Escolas de Comunicação Social) entre outras.

Uma dessas críticas, a de Marques de Melo, publicada em 1992 em *Chasqui*, propõe a substituição do radicalismo retórico do passado por uma linguagem menos agressiva, capaz de refletir contradições e respeitar diferenças. Segundo o autor muitos estudos produzidos naquele período sofreram distorções metodológicas e « trabalhos feitos por pesquisadores que se converteram em missionários da justiça social não tinham valor social nem credibilidade »(Herscovitz, 1995, p.122).

Citando Roncagliolo, a autora afirma que é a partir de 1990 que começa a ser feita a primeira grande autocrítica de investigadores latino-americanos nos últimos trinta anos. Em entrevista publicada pelo boletim Alaic, o autor afirma que « temos vivido como membros de uma tribo, produzindo estudos para nós mesmos. Esta mentalidade tribal limitou nossa comunicação com o resto da sociedade. »(Martinez, 1991, in: Herscovitz, 1995, p.123)

É justamente nestes últimos aspectos citados por Herscovitz que a pesquisa em comunicação no Brasil tem algumas características acentuadas no contexto latino-americano. A pesquisa na universidade brasileira foi institucionalizada oficialmente com a implantação dos cursos de pós-graduação e com a Reforma Universitária de 1968, quando foi associada ao ensino e à extensão.^{lii} A distribuição desses cursos de comunicação segue a realidade sócio-econômica do país e provoca uma concentração na região Sudeste, onde os estados, com exceção do Espírito Santo, respondem pelo maior parque industrial e pela maior demanda de consumo em relação às outras regiões.^{liii}

Apesar do avanço provocado pelos programas de pós-graduação no estudo do fenômeno da comunicação no Brasil e na América Latina, Kunsch avalia que a universidade não consegue acompanhar a dinâmica dos novos tempos, atolando-se na burocracia e no culto à gradação de títulos, funções e cargos.

Para José Marques de Melo dois motivos fundamentais explicam esse distanciamento. O primeiro deles é a ambigüidade que demarca a fisionomia dos programas acadêmicos de Comunicação na América Latina, que preparam comunicadores (jornalistas, publicitários, cineastas, etc.), mas que recusam a economia de mercado como parâmetro definidor das suas metas pedagógicas e científicas. As estratégias educacionais/investigativas imperantes nas escolas de Comunicação têm sido até agora orientadas para formar comunicadores capazes de intervir na indústria cultural como agentes de sua transformação. Em outras palavras, como profissionais guiados pela utopia socialista, visando à construção de uma nova sociedade, e portanto descomprometidos com os princípios que norteiam a produção comunicacional vigente nas sociedades capitalistas. A ênfase da formação universitária tem sido encaminhada majoritariamente para a « comunicação alternativa », contrapondo-se filosoficamente à « comunicação hegemônica.

Em segundo lugar, Marques aponta a relação entre governo e professores durante o regime militar, que empurrou toda a comunidade acadêmica a uma atitude corporativa de resistência ao autoritarismo. Tal comportamento político condicionou os projetos didáticos e os programas de pesquisa, privilegiando hipóteses e metodologias sintonizadas com a militância anti-ditadura. Muitos pesquisadores, conscientes da necessidade de acumular conhecimento descritivo sobre os fenômenos comunicacionais que emergiam no país, foram compelidos a abandonar suas propostas originais e reforçar os estudos rotulados como ‘pesquisa-denúncia’ e ‘pesquisa-ação’, participante da movimentação nacional para restaurar a democracia.^{liv}

Anamaria Fadul observa essa mesma influência dos acontecimentos sociais do continente, na década de 80, nos estudos de Teoria da Comunicação. Segundo ela, neste contexto se percebe a insuficiência de uma Teoria da Comunicação que continua tendo como ponto de partida a Teoria da Dependência^{lv} e a Teoria da Manipulação. Se por um lado, não se pode minimizar os efeitos da influência econômica, política e cultural dos Estados Unidos na América Latina, por outro lado a Teoria do Imperialismo Cultural, conseqüência das concepções anteriores, é incapaz de dar conta da atual situação latino-americana.^{lvi}

A autora reconhece entretanto, que não se pode desconhecer, dentro desta perspectiva, o importante papel que os meios de comunicação de massa exerceram e ainda exercem na América Latina. “Surgimos, aponta, em um continente, onde o estado e a sociedade tem formações históricas completamente distintas daquela dos países altamente industrializados, no qual esses meios representam formas de mediação política diante de um estado autoritário e de uma sociedade fragilizada por esse estado.”

Dessa maneira, Fadul ressalta que a importância do papel representado pelas forças armadas e pela Igreja Católica só tem sentido em função da história do continente. São essas instituições representativas que estabelecem com o estado e a sociedade relações tanto de confronto como de defesa e possuem profundo impacto na esfera cultural e comunicacional.

Além da Igreja, que nos anos de ditadura militar proporcionou encontros e eventos ligados aos estudos de comunicação social e influenciou diretamente vários pesquisadores desta área, a criação da Intercom – Sociedade Brasileira dos Estudos Interdisciplinares da Comunicação – foi um marco nesse processo. Fundada em 12 de dezembro de 1977, depois da realização do I Ciclo



de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Cecom) na cidade de Santos em São Paulo, a Intercom passa a desempenhar papel importante no desenvolvimento da pesquisa em Comunicação no Brasil e na América Latina. Desde seus primeiros tempos, quando sua atuação era limitada pela conjuntura política brasileira, caracterizada pelos setores do regime militar, até nossos dias, a entidade tem sido chamada carinhosamente de SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) da Comunicação^{lvii}.

Segundo Kunsch, sua principal contribuição, diz respeito à socialização do conhecimento, mediante uma vasta documentação gerada pelos diversos eventos científicos levados à efeito com o objetivo de debater temas atuais e emergenciais, e pelo seu trabalho de cooperação nacional e internacional.^{lviii}

Um desafio que delimita a nova fase da pesquisa em comunicação na América Latina, deve levar em conta a globalização na economia, nos meios de comunicação e na cultura. Globalização de inspiração neoliberal, que atinge cada vez mais os países do terceiro mundo, levando seus governos a adotarem novas políticas de comunicação.

3 – Conclusão

O principal objetivo desse trabalho foi o de sistematizar os estudos de Teoria da Comunicação a partir de seus principais autores, em especial os latinos americanos e brasileiros cujas obras permanecem dispersas e na maioria das vezes inacessíveis fora do eixo Rio-São Paulo. A partir dele pode-se concluir que a pesquisa em Comunicação na América Latina recebeu influências determinadas pelas condições históricas do surgimento e do desenvolvimento dos primeiros estudos de comunicação no continente.

Por serem recentes esses estudos, alguns de seus autores passaram pelas diferentes fases que eles próprios atribuem a essa pesquisa, num processo ainda em andamento, de reflexão e crítica de suas obras. Ao mesmo tempo, a medida que consolidam a autonomia da pesquisa latino-americana em comunicação e lhe conferem identidade, tais autores estão conectados com as principais tendências internacionais desses estudos.

Daí a importância de terem seus textos sistematizados, lidos, estudados e analisados nos cursos de comunicação social, como forma de incentivo constante a uma formação de profissionais críticos e comprometidos com a construção e o aprofundamento, sempre necessários, de novo conhecimento nesta área.

4 - Notas e Bibliografia

Notas:

- ⁱ BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- ⁱⁱ *Apud* Martin HEIDEGGER [1953]. *Introdução à metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978., p. 170-174.
- ⁱⁱⁱ *Idem*.
- ^{iv} *Ibid.*, p. 180.
- ^v MARCONDES Filho, Ciro. *Cenários do novo mundo*. São Paulo: NTC, 1998., p.5-7.
- ^{vi} Entre os fragmentos de HERÁCLITO de Éfeso, o de número 91 é possivelmente o mais conhecido. Os tradutores apresentam poucas variações: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio” (Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980); “Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo” (José Cavalcante de Souza, *Os pensadores*, São Paulo: Abril, 1985). O fragmento 49a é similar: “No mesmo rio entramos e não entramos, somos e não somos.” (Carneiro Leão, *Idem*).
- ^{vii} BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992., p. 103.
- ^{viii} SFEZ, Lucien. *Critique de la communication*. Paris: Seuil, 1990.
- ^{ix} *Idem*, pág. 47.
- ^x *Ibid.*
- ^{xi} NIETZSCHE, Friedrich *Obras incompletas*. Coleção os Pensadores. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- ^{xii} BATAILLE, Georges. “Sade e o homem normal”. In: *O erotismo: o proibido e a transgressão* [1957]. Lisboa: Moraes, 1968., p. 158-176.
- ^{xiii} NIETZSCHE, Friedrich. *O crepúsculo dos ídolos*. Em “Incursões de um extemporâneo”, §26.
- ^{xiv} BATAILLE, Georges [1943]. *A experiência interior*. *Opus cit.*, p. 21.
- ^{xv} *Idem*, p. 32, itálicos colocados pelo próprio autor.
- ^{xvi} *Ibid.*, p. 138.
- ^{xvii} *Ibid.*, p. 48.
- ^{xviii} *Ibid.*, p. 20.
- ^{xix} *Ibid.*, p. 103.

- ^{xx} KAMPER, Dietmar. “O medial, o virtual o telemático: o espírito voltado a uma corporeidade transcendental”. Trad. Ciro Marcondes Filho. In: FASSLER, M./HALBARCH, W.R. (org.). *Cyberspace. Gemeinschaften, virtuelle Kolonien, Öffentlichkeiten*. Munique, Wilhelm Fink, 1994, p. 229-237.
- ^{xxi} *Idem*.
- ^{xxii} *Ibid*.
- ^{xxiii} *Ibid*.
- ^{xxiv} Nos fragmentos póstumos, Vol. XI (40), entre outros. NIETZSCHE, F. *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Edição Colli e Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967-78.
- ^{xxv} DELEUZE, Gilles. *Das Zeitbild*. Frankfurt am Main, 1991. *Apud* Kamper, *opus cit*.
- ^{xxvi} SFEZ, L. [1995]. *A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Loyola/Unimarco, 1996. Pág. 33.
- ^{xxvii} *Idem*.
- ^{xxviii} *Ibid.*, pág. 336.
- ^{xxix} LYOTARD, Jean-François. *Moralités post-modernes*. Paris: Galilée, 1993. Pág. 87.
- ^{xxx} KAMPER, Dietmar. *As máquinas são tão mortais quanto as pessoas. Uma tentativa de excluir o telemático do pensamento*. Trad. Ciro Marcondes Filho. São Paulo, 1998.
- ^{xxx1} KAMPER, Dietmar. *O presente impossível: metáfora da transfiguração do corpo em imagem*. Trad. Norval Baitello Jr.. Palestra proferida da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 24/ago./1999.
- ^{xxxii} BARROS, Manoel de. *Opus cit.*, pág. 63.
- ^{xxxiii} Doutora em Ciência da Informação e da Comunicação pela Université de Vincennes – Paris VIII. Professora do Curso de Mestrado em Educação e do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR).
- ^{xxxiv} Alunos do Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo - da Universidade Federal do Paraná. Ganhadores do Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo 2001 na categoria estudantes de comunicação
- ^{xxxv} HERSCOVITZ, Heloiza. A Pesquisa em Comunicação na América Latina: desafios nos anos 90, in: *Comunicação & Sociedade*, Ano XIII - n°23, Editora IMS, São Bernardo do Campo, SP, jun.95, p.111-128.
- ^{xxxvi} BRITTES, Juçara Gorski. José Marques de Melo e a construção de espaços para a pesquisa em comunicação no Brasil. *Revista Comunicação & Sociedade*. Editora IMS; São Bernardo do Campo.
- ^{xxxvii} Sérgio Caparelli mostra em seu livro *Televisão e Capitalismo no Brasil*, Porto Alegre, L&PM, 1982, que 48% da produção da televisão brasileira é de origem estrangeira, 34% de origem nacional, 14% de origem local e 4% de origem regional. No mesmo livro ele aponta os Estados Unidos como líder no ranking de países exportadores de programação televisiva, seguido da Inglaterra, França, Alemanha Federal, Itália e Japão.
- ^{xxxviii} Brittes, *ibidem* idem

- ^{xxxix} Gomes, Pedro Gilberto. *Tópicos de Teoria da Comunicação*. Editora Unisinos. São Leopoldo. , 1995, p.22.
- ^{xi} Explicar Nomic
- ^{xli} HERCOVITZ, Heloiza G. A Pesquisa em Comunicação na América Latina: desafios nos anos 90; in: *Revista Comunicação & Sociedade*, Ano XIII, nº23, São Bernardo do Campo, Editora IMS, jun.95
- ^{xlii} Gomes, *ibidem idem*.
- ^{xliii} HERSCOVITZ, *ibdem idem*, p.116
- ^{xliv} GOMES, *ibidem idem*, p.23
- ^{xlv} Embora não seja latino-americano, Mattelart desenvolveu parte de seus trabalhos no Chile, sendo influenciado pelo contexto em que realizou suas pesquisas
- ^{xlvi} Gomes, p.24
- ^{xlvii} HERSCOVITZ, p.117
- ^{xlviii} HERSCOVITZ, *ibidem idem*.
- ^{xlix} in Gomes, *ibidem idem*, p.25
- ¹ Deve-se registrar aqui que a obra de alguns desses autores atravessa diversas fases da pesquisa em Comunicação no continente e que são apresentadas nesta ordem como forma de evidenciar o seu caráter histórico.
- ^{li} Hercovitz;;;
- ^{lii} Kunc, Margarida M. Kroling. *Pesquisa em Comunicação no Brasil: os desafios dos anos 90*. (conferir referência)
- ^{liii} É também na região Sudeste, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, que estão sediadas as principais redes de comunicação do país, conforme será relatado nos próximos capítulos.
- ^{liv} Kunsch, *ibdem*.
- ^{lv} Explicar Teoria da Dependência
- ^{lvi} FADUL, Anamaria. *Cultura e Comunicação: A Teoria Necessária* » in Kunsch, Margarida Maria e ASSIS, Francisco de Assis (Orgs.). *Comunicação, Democracia e Cultura*. São Paulo: Loyola:Intercom, 1989, p.69
- ^{lvii} MELO, José Marques. *O Intercom 97 está sendo chamado de SBPC da Comunicação* in *Jornal A Tribuna*, 4/09/97, p.A10.
- ^{lviii} KUNSCH, Margarida M. Kroling. *Pesquisa em Comunicação no Brasil: os desafios dos anos 90*